

## JORNALISTAS DO BATENTE QUE BUSCARAM A FORMAÇÃO ACADÊMICA NA UESPI CAMPUS DE PICOS<sup>1</sup>

Danielly SILVA<sup>2</sup>  
Jaqueline TORRES<sup>3</sup>

Universidade Estadual do Piauí, Piauí, PI

### RESUMO

O trabalho “JORNALISTAS DO BATENTE” QUE BUSCARAM A FORMAÇÃO ACADÊMICA NA UESPI CAMPUS DE PICOS é um recorte do trabalho monográfico e propõe como objetivo compreender a importância da formação acadêmica para os profissionais de jornalismo que não tinham diploma acadêmico, mas que ocupavam as redações ou um espaço no mundo do jornalismo mesmo sem essa formação específica na área, bem como entender as modificações do exercício da profissão do jornalista “de batente” quando decidem pela busca do diploma acadêmico. O universo da pesquisa são jornalistas que já atuavam na área e que buscaram a formação superior específica de jornalismo na UESPI campus Professor Barros Araújo, o método de abordagem do trabalho utiliza a entrevista semiestruturada e análise dos depoimentos como técnica de pesquisa.

**PALAVRAS-CHAVE:** Diploma; Formação acadêmica; Jornalistas do batente; UESPI.

### INTRODUÇÃO

Antes de tudo é importante colocar e deixar claro o que é e quem são os jornalistas do “batente”, o termo é utilizado para definir as práticas jornalísticas de pessoas que exercem as funções do jornalismo, seja no impresso, no rádio, na web, TV, assessoria entre outros campos da profissão, mas que não possuem a formação superior específica de jornalismo, ou seja, Jornalistas que não tem diploma acadêmico, pessoas que não estudaram os campos da comunicação e trabalham na área sem diploma e sem formação adequada.

Na sociedade em que vivemos a atividade jornalística é muito importante para a consolidação democrática. Nesse aspecto, em se tratando da qualificação dos profissionais da área é relevante para a formação humanística que atenda aos anseios da sociedade.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ 01 – Jornalismo do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 07 a 09 de julho de 2016. Tal artigo é um recorte do trabalho monográfico da acadêmica Danielly Kelly Duarte e Silva sob a orientação da Professora Mestre Jaqueline da Silva Torres, apresentado a Universidade Estadual do Piauí, Campus de Picos,

<sup>2</sup> Graduada 2016.1 do Curso de Comunicação Social – habilitação em jornalismo e Relações Públicas da UESPI, email: [daniellyduarte@hotmail.com](mailto:daniellyduarte@hotmail.com)

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social – habilitação em jornalismo e Relações Públicas da UESPI, email: [torres.jaqueline@yahoo.com.br](mailto:torres.jaqueline@yahoo.com.br)

Assim, a informação é um bem precioso. Em uma sociedade que “respira” informação, uma questão fica cada vez mais latente e necessária de ser respondida: será que o mundo necessita de um profissional com formação acadêmica para apurar, redigir e publicar informações? No Brasil, esta polêmica atingiu o seu ápice quando o Supremo Tribunal Federal decidiu que o diploma não é mais obrigatório para o exercício da profissão de jornalista.

Diante do exposto, a presente pesquisa busca responder às seguintes indagações: Quais são e quais foram as práticas jornalísticas exercidas por profissionais de jornalismo antes e após a formação acadêmica? Para constituir o corpus da pesquisa, recorreu-se aos alunos (egressos e ingressos) do curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo e Relações Públicas da Universidade Estadual do Piauí, Professor Barros Araújo – campus de Picos, que em 2014 fez 12 anos e já formou 95 profissionais na habilitação em Jornalismo.

A pesquisa é relevante por ser uma área da comunicação pouco trabalhada na região do semiárido, trabalhos científicos sobre essa perspectiva dos profissionais de jornalismo que não têm formação acadêmica, mas que procuram a universidade em busca do diploma ainda são pouco explorados. Acredita-se que, com essa investigação, a pesquisa proporcione academicamente novos debates e descobertas acerca do tema.

Assim, o trabalho busca compreender as modificações do exercício da profissão do jornalista “de batente” quando decide pela busca do diploma acadêmico no curso de Comunicação Social da UESPI de Picos – PI. E tem como objetivos específicos: analisar e comparar as práticas jornalísticas exercidas antes e após a formação acadêmica.

Para atingir os objetivos propostos recorreu-se a entrevista semiestruturada como técnica de pesquisa. Essa entrevista foi realizada com os profissionais de jornalismo que já atuavam na área, os chamados “jornalistas de batente” que procuraram a Universidade Estadual do Piauí – UESPI para obterem a formação acadêmica e conseguirem o diploma de Comunicação Social com a habilitação em Jornalismo. Os entrevistados foram ex-alunos já formados pela UESPI e também discentes que ainda estão nas salas de aula, buscando o certificado acadêmico.

## O ENSINO DO JORNALISMO NO BRASIL

No começo do século XX, quando a profissão de jornalista iniciava a adquirir uma identidade e prestígio social no Brasil, até o final dos anos 40, o aprendizado do jornalismo era precário e funcionava a revelia da academia. (MORAIS JUNIOR, 2011).

As primeiras escolas de jornalismo no Brasil surgem apenas em meados do século XX, com o curso da Escola de Jornalismo Cásper Líbero em São Paulo no final da década de 40 conveniada com a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Bento, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como aponta Rocha (2000, p.5):

O primeiro curso superior de jornalismo é de 1947. Em 17 de outubro de 1969, em plena ditadura militar, foi aprovado o Decreto-Lei 972, com alterações posteriores (Decreto 65.923 e Decreto 83.284) regulamentando a profissão e consagrando a exigência de curso superior de jornalismo para o exercício da profissão.

Mais adiante também foi fundado o curso de jornalismo na Universidade do Brasil (hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro), que a princípio funcionava na Faculdade de Filosofia da instituição. Esses foram os primeiros cursos a funcionarem no Brasil, porém algumas experiências já haviam sido realizadas no Rio de Janeiro em 1937, uma tentativa pioneira na Universidade do Distrito Federal (UDF, desativada em 1939).

O ensino superior de jornalismo no Brasil completou sessenta anos na primeira década deste milênio, muitas coisas mudaram de lá pra cá, especialmente os métodos que envolvem a profissão. As discussões variam desde os elementos técnicos, éticos e estéticos do jornalismo, até a formação acadêmica dada ao profissional da imprensa, um dos temas mais frequentes desde o início dos cursos.

Para Moraes Junior (2011), as novas tecnologias são uma tendência midiática, fala de saberes intelectuais e técnicos resultando em uma formação multifacetada, definindo, assim, o jornalismo pelo seu compromisso. Para ele há pelo menos três questões a serem relacionadas ao ensino no Brasil e que merecem ser colocadas aqui:

Que conteúdos? Como ensiná-los aos jornalistas no processo formativo dos cursos superiores? Qual a relevância dada às questões humanísticas e técnicas? É a partir desses pontos que pode ser pensada uma pedagogia que dê conta do ensino do interesse público na formação de jornalistas. (MORAIS JUNIOR, 2011, p. 89 ).

De acordo com Moraes Junior (2011) a formação superior em jornalismo é entendida como uma junção ética, técnica e estética, que implica uma pedagogia que não só habilite

para cidadania, interesse público regulado no agir, mas o forme a fim de torná-lo um profissional consciente e propositado. Os conteúdos curriculares e a didática são elementos fortes que envolvem a pedagogia de ensino, por conta da dinâmica educacional, os conteúdos curriculares estão relacionados a aspectos conteudísticos e a didática está relacionada a estratégias de ensino aprendizagem condizentes com as Diretrizes Curriculares nacional para cada curso.

As diretrizes curriculares para o curso de Comunicação Social são o alicerce que organiza os currículos que formam os jornalistas brasileiros. Os conteúdos são divididos em básicos (comuns a toda área de comunicação social) e específicos (próprios da habilitação em jornalismo).

Para Moraes Junior(2011) os conteúdos curriculares básicos e específicos levam os alunos para uma formação tanto teórica quanto prática com ênfase nas ciências sociais e humanas e em técnicas do jornalismo. As escolas superiores de jornalismo trazem disciplinas como economia, sociologia e antropologia muitas vezes aplicadas à comunicação ou ao jornalismo. Essas disciplinas proporcionam aos alunos uma formação humanista. E as disciplinas mais específicas estão preocupadas em fundamentar a reflexão como parte da atividade jornalística, como teoria da comunicação e teoria do jornalismo.

Nesse sentido, Schuch (2002, p. 93) afirma que do ponto de vista profissional qualquer disciplina tem um caminho que a leva para a carreira:

### **A Universidade Estadual do Piauí – UESPI e o Curso de Comunicação Social**

Instituída em 1984, a Universidade Estadual do Piauí – UESPI, por meio da Lei Estadual nº 3.967, instituiu a Fundação de Apoio ao Desenvolvimento da Educação do Estado do Piauí – FADEP, com sede na Capital Teresina. O Decreto Federal nº 91.851 em 1985, autorizou a funcionar o Centro de Ensino Superior, para os cursos de Pedagogia – Habilitação Magistério, Ciências – Habilitação em Matemática e Biologia, Letras – Habilitação em Português e Inglês e respectivas literaturas e administração. Só um ano mais tarde em 1986, que foi realizado o primeiro vestibular com oferta de 240 vagas para os cursos de Bacharelado em Administração, Ciências Biológicas, Letras/Português, Letras/Inglês, Licenciatura Plena em Pedagogia: Magistério e Matemática. (PPP, 2012).

O primeiro Estatuto da Universidade Estadual do Piauí foi aprovado em 1989. O plano de carreira dos servidores foi aprovado em 1992, e no mesmo ano foi realizado o 1º concurso público para docentes do CESP – Centro de Ensino Superior do Piauí. Com o objetivo de criar as condições necessárias para instalação da Universidade Estadual do Piauí – UESPI, com uma estrutura de cursos superiores já em funcionamento o Poder Executivo Estadual aprova, em 1993, a Lei nº 4.230/88, que autoriza a IES a funcionar como uma instituição multicampi, permitindo surgimento gradativo de cursos e de campi, no interior do Estado. (LOPES, 2006).

A Universidade Estadual do Piauí conta hoje com 16 Campi, instalados em todo o Estado do Piauí, além de 25 Núcleos Universitários. Atualmente a Universidade tem como dirigente principal o Reitor Nougá Cardoso Batista (Doutor em Físico-Química) e a Vice-Reitora Bárbara Olímpia Ramos de Melo (Doutora e Mestre em Linguística).

### **Uespi – Picos**

A Universidade Estadual do Piauí – UESPI, (Campus Universitário Professor Barros Araújo Picos-Piauí) de acordo com o site da Universidade, teve sua criação 1991 através do Decreto-Lei 042/91, porém no Plano de Desenvolvimento de Campus (PDC) consta que a fundação do Campus foi no ano de 1993, por meio da Lei Estadual nº 4.619. Localizado na cidade de Picos (330 quilômetros de Teresina), na Av. Senador Helvídio Nunes de Barros, S/N, bairro Junco.

As contradições nas informações a respeito da história do campus universitário de Picos devem-se a não existência de um banco de dados com registros sobre a instituição:

Torna-se confusa principalmente por não existir na instituição um arquivo histórico ou banco de dados. Toda e qualquer informação acerca da implantação e evolução da Universidade é colhida de forma não documental. (COSTA, 2007, p.31).

### **O curso de Comunicação Social – habilitação em Jornalismo**

Autorizado pelo Conselho Universitário da Universidade Estadual do Piauí (CONSUN), através da Resolução 38/2001, no dia 29 de outubro de 2001, assinada pelo reitor Jônathas Nunes, o Curso de Bacharelado em Comunicação Social – hab. em

Jornalismo e Relações públicas é liberado a funcionar segundo o EDITAL nº 02/2001, ministrado pela Universidade Estadual do Piauí.

Segundo Costa (2007), a implantação do curso de comunicação social na UESPI de Picos partiu do interesse dos profissionais da cidade que não tinham formação na área:

O Curso de Comunicação Social foi criado para atender à necessidade de formar profissionais na área e foi reivindicado por pessoas que trabalhavam nos meios de comunicação de Picos, mas não tinham formação acadêmica. (LOPES, 2006, p.23).

De acordo com a autora, por diversas vezes, comunicadores de Picos foram à capital Teresina conversar com o governador Mão Santa e o reitor Jônathas Nunes, requerendo a criação do curso:

Quando eles foram a Teresina, já levaram o projeto de criação do curso elaborado por professores da UFPI. Depois de muita insistência dos Picoenses, Mão Santa autorizou Jônathas a implantar o curso na Universidade Estadual do Piauí. (LOPES, 2006, p.23).

No primeiro vestibular o edital publicado em setembro de 2001 ofereceu 40 vagas para o curso de comunicação social em Picos no turno da tarde, com ingresso para o primeiro semestre de 2002. Foram 182 candidatos inscritos, o que caracterizou uma concorrência de 4,5 candidatos por vaga. Nos anos de 2005, 2009 e 2011, não houve oferta do curso. Atualmente o curso conta com 3 turmas nos blocos – II, III e VIII, sob a coordenação da professora Jaqueline da Silva Torres.

Atualmente a estrutura curricular do curso é composta por 54 disciplinas que englobam as duas habilitações (jornalismo 2.790h e relações públicas 3.810h). A matriz curricular ainda prevê 120h para o estágio supervisionado e a realização de Atividades Acadêmicas Científicas e Culturais (AACCs).

Quanto às atividades de pesquisa e de extensão, em 2010 foi aprovado o desenvolvimento do projeto de pesquisa intitulado “As dimensões discursivas do Universo Infanto-juvenil”, publicado nas páginas dos jornais teresinenses Diário do Povo, O Dia e Meio Norte, desenvolvido pela professora, e então coordenadora curso, Jaqueline da Silva

Torres. E, em 2013, o desenvolvimento do projeto “Discursos, Memórias e Práticas Jornalísticas”, também da professora Jaqueline da Silva Torres. Outros dois projetos de pesquisa desenvolvidos são: "Os jornalistas e seus escritos enquanto fonte histórica: um estudo acerca do fazer jornalístico nos jornais impressos piauienses (O DIA, Meio Norte e Diário do Povo)”, coordenado pela professora Rosane Martins, e “Patrimônio Cultural Material e Imaterial do Piauí: registro jornalístico”, projeto de pesquisa e de extensão dentro do "Núcleo de Pesquisa em Jornalismo e Cultura - NUPEJOC" coordenado pela professora Daiane Rufino.

Atualmente o curso desenvolve Atividade Extensão Universitária através do “Projeto de Extensão de Formação de Comunicadores Comunitários e Populares do Sertão do Piauí”, a atividade está vinculado à Pró-Reitora de Extensão, desenvolvida sob a coordenação dos professores Evandro Alberto de Sousa e Orlando Maurício de Carvalho Berti e pelos acadêmicos do Curso de Comunicação Social da UESPI – Campus de Picos.

O estágio obrigatório é regido por normas das diretrizes curriculares do curso de comunicação social e suas habilitações. Refere-se a estudos e práticas supervisionadas em atividades externas à unidade de oferecimento do curso, os alunos devem optar por estagiar em instituições conveniadas a UESPI.

### **Metodologia e Análises dos dados**

Para se dar andamento a este trabalho, faz-se necessário uma breve introdução sobre a técnica de pesquisa aplicada. Utilizou-se a entrevista que é uma prática de análise que propõe alcançar dados de interesse a um questionamento, onde o pesquisador/ entrevistador estabelece indagações orientadas, que visam à coleta de informações obtidas através de um entrevistado:

Pode-se definir entrevista como a técnica em que o investigador se apresenta frente ao entrevistado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção de dados que interessam à investigação. A entrevista é, portanto, uma forma de interação social. Mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação (GIL, 2009, p. 109)

No âmbito das ciências sociais, Gil (2009) aponta que a entrevista é uma das técnicas de pesquisas que mais se utiliza para coleta de dados nas mais diversas áreas como: a psicologia; a pedagogia; a sociologia e praticamente todos que tratam de problemas humanos.

Para Togatlian<sup>4</sup>, entrevista é um procedimento usado na investigação social para recolher informações, com a finalidade de fornecer subsídios para diagnósticos, análises, pesquisas, ou mesmo com o objetivo de discutir e procurar soluções para alguma problemática de caráter social:

A entrevista como técnica de pesquisa, entretanto, exige elaboração e explicitação de procedimentos metodológicos específicos: o marco conceitual no qual se originam os critérios de seleção das fontes, os aspectos de realização e o uso adequado das informações são essenciais para dar validade e estabelecer as limitações que os resultados possuirão. (TOGATLIAN, [s.d])

Para realização deste trabalho foi escolhida o tipo de entrevista semiaberta ou semiestruturada para fundamentar a pesquisa a respeito dos jornalistas “de batente” que buscaram e buscam o diploma acadêmico durante toda a trajetória do Curso de Comunicação Social na UESPI de Picos. A entrevista semiaberta é realizada a partir de um roteiro, questionamentos principais que darão base e nortearão o pesquisador para que possa obter as informações desejadas do seu objeto de pesquisa:

As entrevistas por pautas são recomendadas, sobretudo, nas situações em que os respondentes não se sintam a vontade para responder a indagações formuladas com maior rigidez. Esta preferência por um desenvolvimento mais flexível da entrevista pode ser determinada pelas atitudes culturais dos respondentes ou pela própria natureza do tema investigado ou por outras razões. (GIL, 2009, p. 112).

## **Análise e discussão dos dados**

Para conhecer o perfil dos entrevistados, buscou-se identificar o tempo e a área de atuação de cada um. Dos 12 entrevistados, 4 já atuavam na área num período entre 8 e 11 anos o que corresponde a 33,3% do total. 3 já atuavam há mais de 12 anos no jornalismo e 3 atuavam de 1 a 3 anos, o que corresponde a 25% para cada intervalo. E 16,7% (correspondente a 2 entrevistados) já atuavam na área entre 4 a 7 anos. Antes da formação, os entrevistados trabalharam principalmente nas seguintes áreas<sup>5</sup>: rádio (9 entrevistados, o

---

<sup>4</sup> Professor mestre Marco Aurélio Togatlian, Disponível em: [www.togatlian.pro.br/docs/pos/unesa/instrumentos.pdf](http://www.togatlian.pro.br/docs/pos/unesa/instrumentos.pdf). Acesso em 03 de junho de 2014.

<sup>5</sup> As análises não fecharam em 100% por que os entrevistados responderam mais de uma área de atuação.



que corresponde a 75% ); jornal impresso (5 entrevistados, o que corresponde a 41,7%); Internet e Assessoria de Imprensa (3 entrevistados para cada área, o que corresponde a 25% para cada um) e, 2 entrevistados (16,7%) atuaram na televisão.

Atualmente os pesquisados trabalham na televisão (4 pessoas); no rádio (2 pessoas); na Web (1 pessoas) e na assessoria de imprensa (1 pessoa), o que corresponde a 33,3%, 16,7%, 8,3% e 8,3%, respectivamente. 4 dos entrevistados (33,3%) não estão atuando na área. Verificou-se que 33,3% (correspondente a 4 entrevistados) continuam na mesma área que iniciaram antes da formação acadêmica.

Para analisar as práticas jornalísticas exercidas antes e após a formação acadêmica foram levantados alguns questionamentos como: o exercício da profissão antes da formação acadêmica; a importância dessa formação e a contribuição das disciplinas cursadas para essas práticas. Em relação a como era exercida a profissão antes do ingresso no curso, 41,7% dos entrevistados (o que corresponde a 5 pessoas) responderam que a profissão era aprendida na rua, no dia-a-dia. O aprendizado era prático e com o auxílio de outros colegas, como aponta os entrevistados:

Assim como a maioria dos profissionais de batentes também não formados, o aprendizado era totalmente prático, baseado na observação de colegas mais experientes e nas vivências do dia a dia. (A, 2014).

Quando tu inicia na comunicação você acha que está bem afinado dentro do seu propósito de comunicador. Sempre tive ajuda de muitos amigos também jornalistas, mas a experiência do dia a dia foi importante para formar e também mudar certos conceitos. (B, 2014).

Já 4 pessoas responderam que seu conhecimento era limitado quanto às técnicas (o que corresponde a 33,3% dos entrevistados). E 3 pessoas responderam que a atividade era exercida de forma instintiva (o que corresponde 25% dos entrevistados):

Antes de ingressar no curso eu tinha um certo conhecimento limitado sobre redação de texto, e sobre a captação de informações, era um conhecimento que já me possibilitava escrever, fotografar, mas como eu já disse antes era muito limitado. (C, 2014).

Antes eu não tinha a técnica o saber jornalístico fazia mais por instinto, trabalhava com assessoria, é como se recebesse mais ordens e fizesse tudo por cima daquelas ordens não tinha tanto posicionamento. (D, 2014).

75% dos entrevistados (o que corresponde a 9 pessoas) responderam que tiveram grandes mudanças após a formação. 16,7% (o que corresponde a 2 pessoas) responderam que tiveram algumas mudanças e 8,3% (referente a 1 pessoa) respondeu que a formação acadêmica não mudou quase nada na sua atuação profissional:

Teve uma completa mudança, no batente antes eu tinha uma visão, eu achava que tinha um pequeno conhecimento quando eu fui pra universidade a UESPI me deu uma surra me botou de cabeça pra baixo, e me mostrou como eu tinha uma visão errônea da coisa e o conhecimento técnico é fundamental, quando eu cheguei à academia eu já tinha uma experiência na prática eu simplesmente abracei tudo e misturei. (E, 2014).

Como mostra Chaparro (2005), a universidade te dá uma visão, uma leitura crítica da realidade por parte profissional de jornalismo.

Mudou muito, a academia abre um horizonte de muitas possibilidades técnicas do profissional de jornalismo, antigamente agente editava a notícia de uma forma que você não enxergava o impacto que elas iriam causar na sociedade, dentro do curso fomos vendo maneiras diferentes e mais qualificadas de trabalhar as informações. (F, 2014).

Após a formação não mudou quase nada, já que a academia nos fornece uma base teórica, que na minha opinião pouco serve ao jornalismo do dia a dia. Mesmo assim, nos deixa um pouco mais conscientes de nosso papel enquanto mediadores de informação. (A, 2014).

Em relação à importância da formação acadêmica para o exercício da profissão 66,7% dos entrevistados (o que corresponde a 8 pessoas) responderam que a formação é importante ou muito importante, e 33,3% (que corresponde a 4 pessoas) responderam que é essencial indispensável para atuação de qualquer jornalista:

É importante em toda profissão, ela como toda profissão tem que ser trabalhada e é isso que a academia nos faz, ela nos trabalha, nos molda e lapida a trabalhar e desempenhar a profissão de forma que seja cada vez mais capacitado. (G, 2014).

É importantíssimo, essencial pra qualquer atividade, no início tinha essa polêmica do jornalista formado ou não formado, as empresas hoje estão mais abertas eu sempre defendi o diploma, defendo o diploma acho que tem pessoas habilidosíssimas no jornalismo que não são formadas mais isso não é um critério, se a pessoa é formada porque não se qualificar

alguns resistiram, hoje não resistem mais é uma necessidade se você pode fazer por que não fazer. (H, 2014).

Para identificar a relevância da formação acadêmica para estes profissionais questionou-se aos entrevistados se o jornalista necessita de formação acadêmica para apurar, redigir e publicar informações. 58,3% (corresponde a 7 pessoas) responderam que sim com certeza, 4 pessoas (corresponde a 33,3%) responderam que precisa do conhecimento técnico aliado a formação e 1 pessoa (equivalente 8,3%) respondeu que necessariamente não.

Precisa aliar, acredito que ele possa até ter o conhecimento prático, aprendeu de alguma forma como é que se faz o desenrolar de uma redação, de processo editorial, mas se ele ver que ter a simplicidade de olhar que dentro de uma universidade não é só teoria e ele conseguir trazer esse lado pratico pra dentro dessa teoria e lapidar ainda melhor ele poderá chegar a um nível que eu posso considerar excelência. (M, 2014).

Não é que seja obrigatório você pode ser um advogado escrever bem e se dar bem como jornalista, mas que é essencial você ter o conhecimento do jornalismo isso ai é importantíssimo. Você aprende de acordo com s padrões que o jornalismo exige como é que se faz uma reportagem pra TV, como se faz o jornal, matéria de crime, tu já sabe o vai fazer qual o tamanho da matéria que vai fazer, então necessariamente não. ( L, 2014).

## CONSIDERAÇÕES

Ao propor como objeto de pesquisa a busca do diploma acadêmico pelo os jornalistas “de batente” na UESPI de Picos, este estudo procurou conhecer tomando como amostra a fala desses profissionais, a importância da formação acadêmica, o que o curso superior específico de jornalismo acrescentou na vida profissional dos personagens desde trabalho.

Ainda que o fim dessa pesquisa represente um começo de outras possibilidades de desdobramentos para se refletir e pensar questões a respeito da formação acadêmica específica de jornalismo esse Trabalho entende ter cumprido seu **objetivo geral** de compreender as modificações do exercício da profissão do jornalista “de batente” quando decidem pela busca do diploma acadêmico na UESPI de Picos – PI.

Esse trabalho também cumpre o objetivo de analisar e comparar as práticas jornalísticas exercidas antes e após a formação acadêmica; assim como identificar a relevância da formação acadêmica para estes profissionais;

Em resposta não vieram certezas nem um método acabado, mas um conjunto de informações que permitem pensar, essa busca pela formação, compreender as modificações no exercício da atividade profissional, a própria formação, e os valores pertinentes e deles decorrentes. Comprovando assim a sua ideia central através das entrevistas semiestruturada que foram realizadas com profissionais que atuavam na área antes de ingressar em um curso superior de jornalismo, onde foi possível analisar o discurso dos entrevistados.

A formação do jornalista dá-se para além do diploma, ela ocorre de fato para a qualificação e capacitação do aluno e do profissional de jornalismo e é isso que podemos observar nas falas dos personagens entrevistados, o quão é importante essa formação para o desempenho da atividade profissional. “É importante em toda profissão, ela como toda profissão tem que ser trabalhada e é isso que a academia nos faz, ela nos trabalha, nos molda e lapida a trabalhar e desempenhar a profissão de forma que seja cada vez mais capacitado”. (G, 2014).

Assim como para o entrevistado denominado por (G), Correia (1998), ressalta a importância da formação. Para o autor é “muitíssimo importante” pois, implica no desenvolvimento da atividade jornalística, uma renovação de profissionais qualificados, independente das regiões:

As regiões precisam de um jornalismo de excelência. Por isso, a título pessoal, se defende, de forma clara e sem tibiezas, que, para já, no imediato, as Universidades e Institutos Superiores através de uma relação institucional com as empresas jornalísticas e com Institutos de Formação já existentes desenvolvam ações viradas para a preparação, formação e reciclagem de profissionais qualificados e de públicos cada vez mais exigentes e informados (CORREIA, 1998, p. 8)

A pesquisa pode verificar que os jornalistas de batente que buscaram e os que ainda buscam, essa formação, sentiram muitas diferenças de como era exercido o jornalismo antes e como passou a ser exercido após o ingresso na universidade, e após a formação. O que na opinião dos entrevistados corroborou de inúmeras maneiras para o crescimento profissional dos jornalistas que já atuavam na área, segundo os personagens (L, C e J, 2014). A formação é essencial, muito importante o conhecimento te faz agir conforme os padrões que o próprio jornalismo exige, além da área hoje ser mais abrangente do que a 5, 6 ou 10 anos atrás. As novas tecnologias vão abrindo ainda mais caminhos para outras áreas

de conhecimento dentro do jornalismo. Na opinião deles, há alguns anos atrás não era possível realizar muitos dos feitos que hoje são praticados com excelência e rapidez já que os equipamentos não eram tão sofisticados, e também não tinham a qualificação necessária para atender as demandas do mercado.

Como consequências desse estudo acredita-se que é um incentivo a todos que desejam ser jornalistas, que busquem a universidade para se qualificarem e terem a devida formação superior, sejam eles profissionais do batente, iniciantes, jovens, ou quem quer que seja, que tenha vontade, talento e que sonham ser um formador de opinião.

A universidade não ensina só à técnica, como fazer uma matéria, mas dar toda uma base teórico-crítica de ver e enxergar a realidade a sua volta, como muitos, após entrar na academia, no curso de comunicação/ jornalismo você não mas, enxergará o mundo de forma passiva, não há mas só a observação passiva e massiva, o aluno passa a ser detentor de análise e uma leitura crítica que talvez não possuísse antes da formação.

Isso deve-se às disciplinas de cunho mais teórico, como filosofia, sociologia, antropologia entre outras, estas serão as que te darão uma visão crítica da realidade, as demais disciplinas, as mais técnicas te posicionaram no caminho profissional, de mostrarão a técnica aplicada no dia a dia da profissão, sem falar no posicionamento ético que a disciplina de ética te fornece, é exatamente isso que a formação crescente dos jornalistas te fornece uma compreensão mais clara, um componente cada vez mais direcionado a ética e ao fazer jornalístico, esse percurso é realizado através das academias que aperfeiçoa à uma dimensão teórica e prática da preparação profissional.

No demais é importante acrescentar que a formação dos jornalistas é de interesse da sociedade, visto que em uma sociedade como a nossa de regime “democrático” deva possuir uma imprensa crítica e responsável.

## REFERÊNCIAS

CANAVILHAS, João. **Ensino do jornalismo: o digital como oportunidade**, 2009. Disponível em: <https://ubithesis.ubi.pt/handle/10400.6/717> . Acesso em: 16 de maio de 2014.

CHAPARRO, Manuel. **Debater a formação em jornalismo é debater o próprio jornalismo: entrevista concedida à Manuel Pinto, Helena Sousa, Joaquim Fidalgo, Felisbela Lopes e Sara Moutinho**, 2003. Disponível em: <http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/comsoc/article/download/1249/1192>. Acesso em 20 de maio de 2014.

CHRISTOFOLETTI, Rogério. **Pedagogias, metodologias e tecnologias na formação ético-profissional dos cursos de Jornalismo no Brasil**. Revista Brasileira de ensino de Jornalismo, 2011. Disponível em: [www.fnnpj.org.br/rebej/ojs/index.php/rebej/article/view/194/142](http://www.fnnpj.org.br/rebej/ojs/index.php/rebej/article/view/194/142). Acesso em 20 de maio de 2014.

CORREIA, João. **Algumas reflexões sobre a importância da formação universitária dos jornalistas**, 1998. Disponível em: [www.bocc.ubi.pt/pag/correia-joao-formacao-universitaria-jornalistas.pdf](http://www.bocc.ubi.pt/pag/correia-joao-formacao-universitaria-jornalistas.pdf). Acesso em: 16 de maio de 2014.

CORREIA, João. **O ensino do jornalismo visto pelos jornalistas**, 1998. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/correia-joao-ensino-jornalismo.pdf>. Acesso em: 16 de maio de 2014.

COSTA, Ruthy. A comunicação estratégica junto ao público interno da Universidade Estadual do Piauí. UESPI - Campus de Picos (2007) Picos-PI.

DIAS, Robson. **Comunicador Social ou Jornalista? A estruturação do conhecimento profissional do jornalista em cursos de graduação** 2012, disponível em: <http://www.unicentro.br/rbhm/ed02/artigos/06.pdf>. Acesso em: 16 de março de 2014.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge e BARROS, Antônio (org.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005, p. 62 – 83.

FENAJ. **Formação Superior em Jornalismo: uma exigência que interessa a sociedade**. 2. ed. Florianópolis: [s.n.], 2002.

GADINI, Sérgio. **Alguns desafios para a formação profissional em Jornalismo**, 2009. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/AUM/article/view/2186>. Acesso em: 16 de maio de 2014.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo : Atlas, 2008.

GOLZIO, Derval G. **A formação dos jornalistas diante dos novos suportes midiáticos e do fim da obrigatoriedade do diploma**. Revista Culturas Midiáticas, 2009. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/cm/article/download/11704/6729>. Acesso em: 16 de maio de 2014.

LOPES, Fernanda Lima. **A polêmica sobre o diploma de jornalismo nos anos 1980**. Intercom 2013. Disponível em. [www.intercom.org.br/sis/2013/resumos/R8-0347-1.pdf](http://www.intercom.org.br/sis/2013/resumos/R8-0347-1.pdf). Acesso em: 12 de março de 2014.

MANZINE, Eduardo José. **Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semiestruturada**. 2003. Disponível em: [www.eduinclusivapesq-uerj.pro.br/images/pdf/manzinilondrina2003.pdf](http://www.eduinclusivapesq-uerj.pro.br/images/pdf/manzinilondrina2003.pdf). Acesso em 05 de junho de 2014.

MORAIS JUNIOR, Enio. **Sobre homens e técnicas: a importância da cidadania na formação o jornalista no Brasil**. Cenários da Comunicação, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 31-39, 2007. Disponível em:

[www.uninove.br/.../cenarios\\_comunicacao/cenarios\\_v6n1/cen\\_comv6n1...](http://www.uninove.br/.../cenarios_comunicacao/cenarios_v6n1/cen_comv6n1...) Acesso em: 20 de maio de 2014.

MORAIS JUNIOR, Enio. **O ensino do interesse público na formação dos jornalistas: elementos para a construção de uma pedagogia.** São Paulo, 2011. Tese (Doutorado) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo. Disponível em: [www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27153/tde.../ENIO\\_DO.pdf](http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27153/tde.../ENIO_DO.pdf). Acesso em: 16 de maio de 2014.

\_\_\_\_\_. **Novas diretrizes 2013.** portal MEC. Disponível em: [file:///C:/Users/windows7/Downloads/rces002\\_13%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/windows7/Downloads/rces002_13%20(1).pdf). Acesso em: 24 de maio de 2014.

\_\_\_\_\_. **Novas diretrizes 2013.** portal MEC. Disponível em: [file:///C:/Users/windows7/Downloads/rces001\\_13%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/windows7/Downloads/rces001_13%20(1).pdf). Acesso em: 24 de maio de 2014.

PEREIRA, Fábio Henrique. **Da responsabilidade social ao jornalismo de mercado: o jornalismo como profissão,** 2004. Disponível em: [www.bocc.ubi.pt/pag/pereira-fabio-responsabilidade-jornalista.pdf](http://www.bocc.ubi.pt/pag/pereira-fabio-responsabilidade-jornalista.pdf). Acesso em: 21 de maio de 2014.

SANTANA, Adriana. **Jornalismo sem Conflito: a ‘Cordialidade’ e a Acomodação na Atividade Jornalística.** Intercom 2007. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/51111>. Acesso em: 16 de maio de 2014.

SCHUCH, Hélio. **Adequação do ensino na formação de jornalistas.** 2002. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/download/443/412->. Acesso em: 15 de maio de 2014.